



Se eu abrir esta porta agora... (2018): projeto gráfico-editorial e perspectivas de leitura

Haline Nogueira da Silva Domingues^{*}, Cíntia Roberto Marson e Alice Áurea Penteado Martha

Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autora para correspondência. E-mail: halinens@hotmail.com

RESUMO. Este artigo tem por objetivo analisar o projeto gráfico-editorial da obra *Se eu abrir esta porta agora... (2018)*, de Alexandre Rampazo, de modo a compreender o alcance dos efeitos de sentido na relação entre forma e conteúdo. Desse modo, pretendemos observar como o projeto gráfico do livro, ao materializar a abertura das portas, de diferentes maneiras, indicia distintas perspectivas de leitura, conforme o modo como, ou de que lado, são abertas as tais portas. O projeto gráfico do livro citado faz uma emulação das portas que podem se abrir de diferentes maneiras ao leitor, revelando também distintas perspectivas de leitura, de acordo com o lado em que tais portas são abertas. A metáfora da porta sugere uma aventura escondida em cada uma delas, as quais podem ser abertas, desvelando mistérios, desejos, medos e inúmeras surpresas. Ganhador do Prêmio FNLIJ 2019, nas categorias Criança e Projeto-Editorial, o livro se destaca pelo caráter inovador e inusitado, oferecendo ao leitor uma proposta divertida pelo universo paralelo tecido entre a realidade e a ficção, encorajando-o a enfrentar seus medos e ter coragem para abrir cada porta e, conseqüentemente, a viver uma nova experiência literária.

Palavras-chave: projeto gráfico-editorial; literatura infantil; ilustração; Alexandre Rampazo.

Se eu abrir esta porta agora... (2018): graphic-editorial project and reading perspectives

ABSTRACT. This article aims to analyze the graphic-editorial project of the book *Se eu abrir esta porta agora... (2018)*, by Alexandre Rampazo, in order to understand the scope of the effects of meaning in the relationship between form and content. In this way, we intend to observe how the graphic book design, when materializing the opening of the doors, in different ways, indicates different reading perspectives, according to the way, or on which side, such doors are opened. The graphic book design cited makes an emulation of doors that can be opened in different ways to the reader, also revealing different reading perspectives, according to the side in which these doors are opened. The door metaphor suggests an adventure hidden in each of them, which can be opened, unveiling mysteries, desires, fears and countless surprises. Winner of the FNLIJ 2019 Award, in the Child and Editorial-Project categories, the book stands out for its innovative and unusual character, offering the reader a fun proposal for the parallel universe woven between reality and fiction, encouraging him to face his fears and have courage to open each door, and consequently, to live a new literary experience.

Keywords: graphic-editorial project; children's literature; illustration; Alexandre Rampazo.

Received on June 28, 2020.
Accepted on August 5, 2020.

Introdução

A literatura infantil e juvenil, embora constantemente estudada e arrolada em pesquisas e discussões de cunho científico por diferentes pesquisadores, ainda necessita de estudos que deem conta de sua pluralidade constitutiva.

A produção de livros infantojuvenis no Brasil se deu tardiamente, por volta do século XX. Com Monteiro Lobato, a literatura infantil experimentou as primeiras publicações de caráter identitário nacional – o que favoreceu a inauguração de uma literatura moderna e brasileira voltada às crianças. As obras que circulavam no país, nesse período, eram adaptações e traduções de livros europeus, com impressão em Portugal, e edições de cunho pedagógico, como ocorreu com o livro intitulado *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac, publicado em 1904.

Quando Monteiro Lobato cria sua própria editora, a Monteiro Lobato & Cia, em 1920, mais de vinte e seis títulos foram editados e publicados para o público infantil. As obras destoavam do perfil estigmatizante europeu, trazendo para os textos de literatura a brasilidade, explorando o contexto no qual as crianças estavam inseridas. Com a morte de Lobato, a literatura infantil brasileira viveu um hiato criativo que só foi superado por volta dos anos 1970, com a publicação de obras de Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector. Paulatinamente, a produção literária para o público infantil foi abandonando seu caráter pedagógico, alcançando trabalhos estéticos louváveis, ao mesmo tempo, contribuindo para formação de uma nova geração de leitores.

Nos últimos anos, assistimos a uma mudança significativa na produção e edição de obras destinadas às crianças e aos jovens. São livros que estimulam a imaginação, a criatividade, a curiosidade e a vontade de ler, justamente por apresentarem textos de legítima qualidade. Soma-se a isso o projeto gráfico-editorial, que, junto ao texto, é elaborado de modo a oferecer aos leitores produções que valorizam o literário, bem como o aspecto visual, como o *design* da obra, seus paratextos, ilustrações, entre outros aspectos. São obras, portanto, voltadas a suprir as necessidades do público-alvo e empenhadas em contribuir para a formação do leitor literário.

As multifaces desses novos produtos lançados pelo mercado editorial variam entre versões delicadas, inusitadas, ilustradas em papel, até mesmo em versões digitais que agregam a linguagem multimodal (som, movimento, imagem e texto) em formatos híbridos, podendo ser uma adaptação de um clássico literário ou uma edição inédita, com características que agradam ao leitor contemporâneo, situado em um contexto multimidiático.

Tal cenário descrito está intimamente relacionado ao livro *Se eu abrir esta porta agora...* (2018), de Alexandre Rampazo –, livro-objeto, porta que se abre para a experiência entre a criança e a literatura. A obra em questão, escrita e ilustrada por Alexandre Rampazo, foi publicada em 2018 pela Editora Sesi-SP, e, em 2019, recebeu o Prêmio FNLIJ nas categorias Criança e Projeto-Editorial.

Nesse sentido, este artigo traz uma proposta de leitura da obra em questão, buscando ressaltar a íntima conexão entre o projeto gráfico-editorial e as possibilidades de sentido, a partir do diálogo entre texto, imagem e suporte. Dividimos nossas discussões em dois momentos: o primeiro diz respeito às características e abordagens essenciais para a compreensão sobre o livro ilustrado, destacando a importância do projeto gráfico para atrair o leitor infantil em composições que articulam a obra a uma denominação bastante comum atualmente, a de livro-objeto. No segundo momento, analisamos o projeto gráfico da obra em relação à produção e suscitação de sentidos e significados, emanados da materialidade verbal e imagética.

O livro ilustrado: preâmbulo necessário

A evolução da trajetória da produção de livros para crianças e jovens é bastante recente e não menos veloz. Segundo Lajolo e Zilberman (2017), é somente a partir de 1880 que passamos ao marco inicial da produção da literatura infantojuvenil brasileira, caracterizada, primeiramente, como uma produção literária oriunda de adaptações e traduções de textos estrangeiros, como os franceses.

De acordo com Ferreira (2012, p. 155), “[...] no mercado de literatura infantil e juvenil, surgem obras inovadoras, no final da década de 1970 e início de 1980, que conferem ênfase aos aspectos gráficos, como elementos autônomos e não mais subsidiários do texto”. O mercado editorial vale-se das constantes mutações que a história de comportamentos e hábitos de leitura sofreram ao longo dos anos e, apesar do consumo de livros ainda ser muito baixo no Brasil, por meio das artimanhas do projeto gráfico-editorial, as editoras conferem aos livros demasiada importância ao aspecto visual e, com isso, conseguem atrair o potencial leitor.

Devido à consolidação da indústria editorial, a produção de livros é barateada. Por isso, é possível verificar um aumento nos números de lançamentos e, conseqüentemente, a concorrência entre as editoras, cada vez mais especializadas e engajadas em oferecer ao consumidor produtos mais atrativos. Os livros infantis ganham aí destaque considerável, tanto quantitativo quanto qualitativo. Segundo Coelho (2000, p. 127), “[...] ocorre a eclosão de uma nova qualidade literária e estética que transforma o livro infantil em um ‘objeto novo’, constituído pela convergência de multilinguagens”. Tais livros-objetos, em verso ou em prosa, colocam em circulação narrativas permeadas pelo desenho, pintura e fotografia, além dos efeitos procedimentais digitais e virtuais, de modo a aproximar o leitor das produções de seu tempo.

Nesse cenário, o projeto gráfico adquire fundamental importância para e na recepção da obra, afinal, os leitores sentem-se atraídos por livros cujo *design* - desde o formato do livro, capa e contracapa, até as

ilustrações presentes no miolo e o material utilizado em suas páginas - é pensado de acordo com os efeitos de sentido que se deseja produzir. Para Odilon Moraes (2008, p. 49), o projeto gráfico de um livro é

[...] uma série de escolhas e partidos que definirão um corpo (matéria) e uma alma (jeito de ser) para esse objeto. O que isso quer dizer? Quer dizer que o objeto chamado livro tem um corpo, isto é, forma, tamanho, cor, tato, cheiro (por que não?) etc., que é como ele se apresenta para nós, aos nossos sentidos. Mas ele também vai ser lido. Seu conteúdo, o qual chamei de alma, vai ser revelado à medida que percorremos seu texto, vemos suas imagens, passamos suas páginas, adentramos seu interior, sua atmosfera, os caminhos que ele nos propõe imaginar.

Assim, o projeto gráfico nos propõe, por meio de textos e imagens, um caminho a ser percorrido, uma ideia de ler, um ritmo de leitura (Moraes, 2008). Os elementos constitutivos do objeto livro são arquitetados, portanto, de acordo com a proposta de leitura que se deseja oferecer ao leitor. Desse modo, “[...] a escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página [...] são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro” (Moraes, 2008, p. 50). Os elementos paratextuais são planejados a partir da história narrada, a fim de que esta possa reverberar sentidos e significados plurais. Quando refletimos sobre a produção contemporânea, percebemos que são “[...] publicações planejadas meticulosamente para despertar o interesse dos leitores iniciantes ou mais experientes e que contam com projetos gráfico-editoriais muito bem cuidados” (Ceccantini, 2010, p. 11).

Com isso, a literatura infantil e juvenil atual consegue alcançar resultados muito satisfatórios, por meio da acuidade na elaboração formal do livro e da concepção de objetos artísticos desenvolvidos por escritores e ilustradores preocupados, sobretudo, com a produção de um texto que preza pela estética, aliada a aspectos visuais inovadores. É desse modo que “[...] os ilustradores e os projetistas gráficos têm uma grande responsabilidade: criar não apenas a memória e o passado visual de seus leitores, mas acima de tudo formar e educar o olhar” (Oliveira, 2008, p. 45).

Assim, pelas imagens notáveis, pela originalidade de produção, pelo teor cativante das narrativas, o livro ilustrado infantil seduz de imediato seus leitores pretendidos e extrapola essa aventura de leitura também para os adultos. Segundo Linden (2011), os leitores desses tipos de produções editoriais são entretidos pelos efeitos da diagramação, são surpreendidos pela ousadia e pelo encanto da representação e disposição de texto e imagem em um suporte que convida a dimensões suplementares à história. Além disso, texto e imagens são utilizados também para guiar os leitores, de acordo com seus contextos culturais, sociais e ideológicos (Dalamu, 2018).

Por esse motivo, o livro ilustrado sofre de uma condição paradoxal. Inicialmente destinado aos mais jovens e menos experientes em matéria de leitura, ele se consolida como uma forma de expressão com amplitude de público e diversidade de leitura. De imediato, o livro ilustrado evoca duas linguagens: a textual e a imagética, as quais, colocadas em sintonia dentro de uma obra, favorecem o fluir da narrativa, colaborando para a apreensão do veio enunciativo associado a ambas as formas de comunicação. Neste viés, Linden nos propõe algumas relações e funções que texto e imagem estabelecem dentro do livro ilustrado, as quais fundamentam a segunda seção deste texto.

A imagem, diferentemente do que muitos leitores possam pensar, não exige menos do ato de leitura. Ela ainda exige meios e mecanismos semelhantes aos empregados na interpretação da materialidade verbal. Com isso, ao longo da evolução histórica, o livro ilustrado conheceu grandes transformações e inovações, e a imagem gradativamente foi conquistando seu espaço determinante. Dessa forma, parafraseando Linden (2011), ler um livro ilustrado não se resume a ler o texto com imagens. A leitura dessa modalidade de obra requer a apreciação do formato do suporte, do material, da capa, da contracapa, do conteúdo; ler um livro ilustrado é associar representações, escolher uma maneira de ler; é perceber o silêncio que emana das páginas repletas de palavras e de imagens; é descobrir a poesia entre a comunhão dessas duas linguagens.

Nas searas do livro ilustrado contemporâneo, todavia, em que as imagens rompem deliberadamente com a funcionalidade pedagógica, autores, ilustradores e editoras apostam em edições cunhadas pelo humor, pela delicadeza, pelo minimalismo e pela função entre o suporte e a materialidade do livro, como faz Alexandre Rampazo (2018) em *Se eu abrir esta porta agora...*. No intuito de valorizar a relação entre texto e imagem, como observamos a seguir, a linguagem visual propiciada pelo suporte sanfonado opera no âmbito criativo de técnicas e estilo de produção, contribuindo de maneira inegável para a evolução de nossa relação com o livro ilustrado e nos colocando frente a denominações plásticas como livro-objeto, devido ao auxílio de recursos da tipografia, da encadernação, do projeto gráfico-editorial, enfim.

Se eu abrir esta porta agora...: um olhar sobre o livro-objeto e o projeto gráfico-editorial

O livro, objeto em constante mutação, é sempre uma porta para novas experiências e sensações, e, em *Se eu abrir esta porta agora...*, as portas que literalmente se abrem para o leitor revelam um mundo de possibilidades em cada movimento. O encanto desta obra está relacionado, sobretudo, aos efeitos de sentido provocados pelo requintado projeto gráfico.

A proposta editorial do livro é bastante instigante e desafiadora para o leitor. Em formato sanfonado ou acordeão (Figura 1) são apresentadas duas sequências ou formas de se ler a obra: em um primeiro momento, o leitor depara-se com os perigos provenientes do movimento de abrir a porta, relacionados aos sentimentos de medo, incertezas e angústias; em um segundo momento, abri-la resulta em boas surpresas, intimamente ligadas aos sentimentos de alegria e deslumbramento. Trata-se de uma narrativa ambientada em um quarto de criança, e o leitor tem acesso ao universo fictício por meio de duas perspectivas, a dos monstros e a de um garoto.



Figura 1. Livro sanfonado.
Fonte: Rampazo (2018).

O tipo do formato desta materialidade literária que aqui analisamos, segundo Linden (2011), se inscreve no perfil do livro acordeão, ou seja, é um suporte que permite um jogo entre a separação em páginas duplas e a sequência da tira de papel - jogo este realizado com eficiência em *Se eu abrir esta porta agora*, no qual o formato, mais conhecido no Brasil como sanfonado, propõe a ação de aberturas de portas.

O livro é envolto por uma *slipcase* ou luva (Figura 2) e nela visualizamos uma porta entreaberta da qual se vê apenas uma pequena parte do corpo de um monstro, personagem que aparece ao longo do enredo. Nas cores preta, azul e branca, também utilizadas no miolo do livro, a luva pode ser retirada com o movimento de puxar para cima ou para baixo. A elaboração da luva está em íntima sintonia com a narrativa, uma vez que simula uma porta e oferece a visualização parcial de um monstro, fato que desperta atenção do leitor e aguça sua curiosidade. Rui de Oliveira (2008, p. 45) ressalta a importância de um projeto gráfico bem elaborado, visto que “[...] é impossível conceber um livro, sobretudo para crianças e jovens, sem considerar seus aspectos formais e até mesmo táteis”. Desse modo, a *slipcase* funciona como uma porta de entrada a um universo a ser descoberto e explorado. Portanto, no primeiro contato com o livro, os elementos formais e visuais são construídos a fim de provocar no leitor o desejo de desvendar os mistérios provenientes do objeto que se tem em mãos.

Ao retirar a *slipcase*, o leitor depara-se com a capa e a contracapa que simulam uma porta, na cor preta com contornos e detalhes na cor branca (Figura 3). A criança, então, é convidada a abrir a porta e experimentar um mundo ainda desconhecido, porém repleto de surpresas e encantos. Ao abrir o livro, apresenta-se a folha de guarda e nela há o título *Se eu abrir esta porta agora...* – frase que se repetirá ao longo do enredo, funcionando como um refrão –, e na página seguinte há uma porta nas cores branca, azul e preta, convidando o leitor a virar a página – abrir a porta – e constatar o que o espera na página seguinte (Figura 4).



Figura 2. Slipcase do livro *Se eu abrir esta porta agora...*

Fonte: Rampazo (2018).

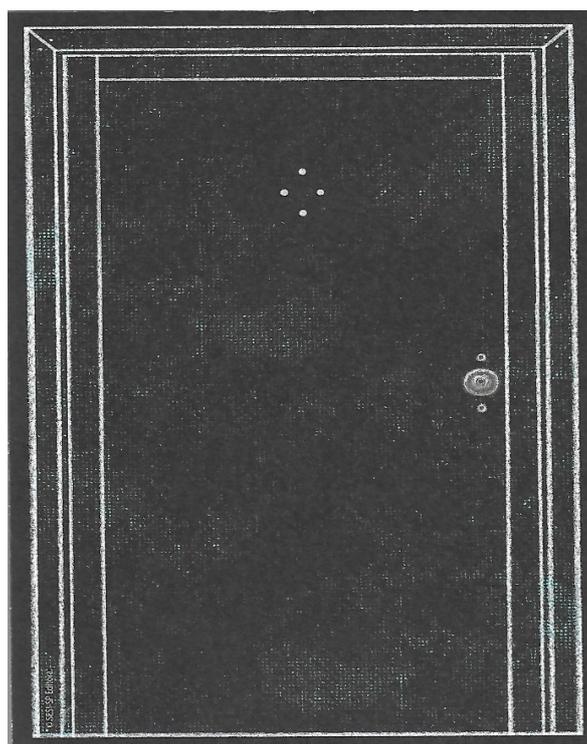


Figura 3. Capa do livro *Se eu abrir esta porta agora...*

Fonte: Rampazo (2018).

Ao virar a página e abrir a porta, o leitor se depara com o texto seguido de uma ilustração (Figura 5), de modo que as modalidades textual e imagética se complementam. Ao aceitar o risco proveniente do gesto de abrir a porta, a criança é surpreendida com a figura de um monstro, que pode representar diversos medos e receios presentes em sua vida, bem como despertar o encanto e a curiosidade do leitor, uma vez que os monstros também atraem a atenção das crianças. Enfim, a imagem certamente acorda no leitor sensações e sentimentos diferentes que o mantém imerso no mundo narrado.



Figura 4. Folha de guarda e página inicial

Fonte: Rampazo (2018).

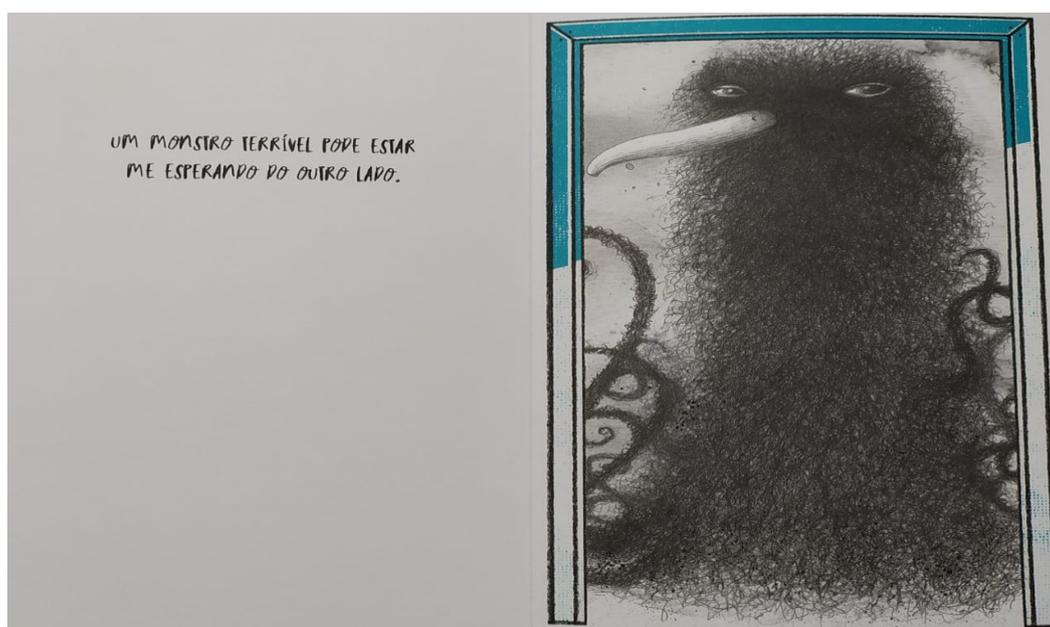


Figura 5. Modalidades textual e imagética.

Fonte: Rampazo (2018).

Em relação à diagramação da obra, Linden (2011) exemplifica quatro tipos: dissociação, associação, compartimentação e conjunção. A Figura 5 é um dos exemplos de dissociação, ou seja, neste tipo de diagramação, ilustração e texto ocupam páginas distintas. Neste modelo de organização, “[...] a imagem costuma ocupar aquilo que tipógrafos chamam de ‘página nobre’, a da direita - aquela que o olhar se detém na abertura do livro - ao passo que o texto fica na página da esquerda” (Linden, 2011, p. 68). Outro detalhe importante é que o texto, geralmente, é impresso sobre um fundo de cor homogênea.

Para além de outros significados – que cada leitor atribui às imagens segundo suas vivências –, ao longo do enredo, as ilustrações em preto e branco podem representar medos e conflitos interiores. De acordo com Oliveira (2008, p. 51),

A ilustração em preto-e-branco possui um leque de significados [...] tão importante quanto a ilustração em cores. Talvez até pelo grafismo e contragrafismo, ou seja, o preto e o branco do papel que o ilustrador tem diante de si, sua aparente exiguidade de recursos apresenta uma dificuldade de resolução muito mais complexa do que quando o artista dispõe da possibilidade da cor.

É interessante observar que nesta primeira narrativa e/ou alternativa de leitura, a presença de imagens em preto e branco pode desencadear, no leitor, o reconhecimento de seus medos e conflitos, permitindo-lhe, ainda que de forma inconsciente, refletir sobre tais sentimentos. Somada a isso, a expressão facial dos monstros parece contribuir para a repercussão de sensações de temores e conflitos interiores dos pequenos leitores. A partir do jogo de luzes e sombras, enquadramento e disposição, Rampazo (2018) cria uma atmosfera condizente com os possíveis medos e angústias experimentados pela criança. A segunda narrativa e/ou alternativa de leitura reside nas boas surpresas possivelmente escondidas atrás da porta, como a existência de um amigo que pode estar ali esperando (Figura 6).

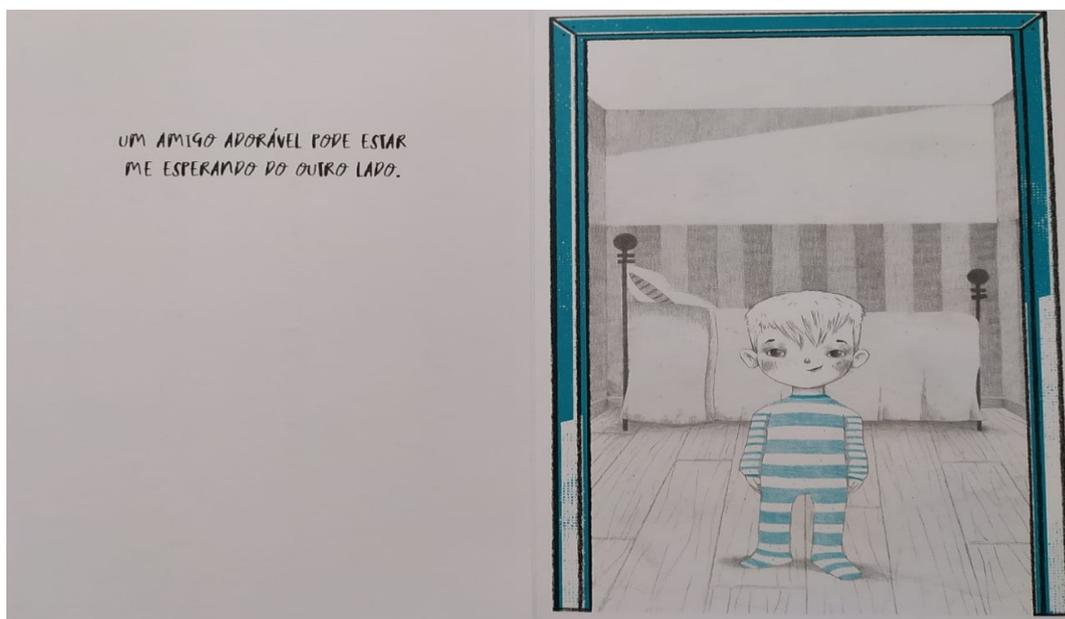


Figura 6. Modalidades textual e imagética.

Fonte: Rampazo (2018).

Nesse segundo momento da leitura, Rampazo (2018) utiliza não somente os tons em preto e branco, mas também recorre ao uso da cor azul. A decisão de abrir as portas implica situações agradáveis e surpreendentes para o leitor: um novo amigo estará esperando do outro lado e com ele a criança poderá brincar. Nesse sentido, a opção por utilizar a cor azul está diretamente relacionada à construção de uma atmosfera feliz e divertida, que exclui apreensões, pois, conforme Ramos (2013), esta é uma cor fria que expressa sentimentos mais calmos. Essa interpretação é ratificada pelas expressões faciais (sorrisos e caretas) e pela linguagem corporal do garoto, que, ao longo do segundo momento de leitura, está evidentemente se divertindo com a possibilidade de abrir as portas. Portanto, a utilização da cor azul ilumina a imagem e, somada às expressões faciais e à linguagem corporal do garoto, propicia a construção de uma atmosfera alegre e descontraída. A partir do movimento de abrir as portas, a lógica de leitura é estabelecida ao longo do enredo, e a percepção do leitor quanto ao plano narrativo pode ser ampliada, uma vez que a obra permite leituras plurais. Se em um primeiro momento há dúvida e temor em abrir a porta diante do desconhecido, no segundo, abri-la se torna uma grata surpresa.

A figura do menino (Figura 6), bem como as demais ilustrações, é posicionada frontalmente. Ou seja, as personagens – a bruxa, o vampiro, o lobo, o saci, entre outros seres sobrenaturais, e o garoto – dirigem o seu olhar diretamente ao pequeno leitor, que é convidado, então, a encará-las, bem como contemplar as ilustrações. Oliveira (2008, p. 54) afirma que

[...] a seleção do modo de ver a cena cria uma intimidade com o leitor, com o tipo de visão que ele está usufruindo, como, por exemplo, se está olhando tranquilamente a cena, participando dela ou se portando como observador furtivo dos fatos que estão sendo narrados.

Ao adotar esse ponto de vista na concepção das ilustrações, Rampazo outorga ao leitor um maior nível de participação na história, de modo que este se torne coautor da narrativa.

Dessa forma, a estrutura da obra segue um padrão: há o uso da inscrição *Se eu abrir esta porta agora...*, uma porta, e, em seguida, uma página revelando, por meio da ilustração, o que pode estar atrás daquela

porta: um monstro ou um querido amigo, como vimos. É importante pensar, então, os significados provenientes da porta, os quais são plurais de acordo com diferentes culturas. De acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015, p. 734-735),

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além...

Atravessar a porta não indica somente o enfrentamento de medos e o consequente amadurecimento da criança, mas também indica a abertura a um novo mundo, inesperado e desconhecido, mundo este que concebe a experiência literária indispensável ao ser humano. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), nas tradições judaicas e cristãs, a porta dá acesso à revelação. Na obra analisada, ter coragem para abrir a porta implica a revelação de si mesmo e do outro. O pequeno leitor é convidado, portanto, a realizar a travessia que o conduzirá a caminhos essenciais para sua formação pessoal e enquanto leitor literário.

As duas possibilidades de leitura da obra, sendo a porta de um dos lados do livro o convite para o enfrentamento de medos e receios, e a outra, um convite para experiências felizes e divertidas, reforçam uma relação de reciprocidade entre leitor e a materialidade do livro que, no formato de acordeão ou sanfona, também incorre na categorização de livro-objeto, segundo a concepção de Edith Derdyk. Segundo a autora, o livro-objeto está relacionado ao movimento em que “[...] o livro deixa de ser um simples objeto material para se tornar objetos mil, diante de olhares diversos, ângulos variados, texturas diferentes [...]” (Derdyk, 2013, p. 7). Na obra *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*, diversos autores e ilustradores participam de um debate acerca das especificidades e sutis nuances que são fronteiriças com as denominações livro-objeto.

O livro-objeto é uma solução gráfica e estética produzida a partir de material travestido em cor e textura; um objeto como qualquer outro, porém com o acréscimo da noção de suporte do qual emana significações que ganham espaço na dimensão poética. Segundo Odilon Moraes (2013, p. 164), existe uma classificação específica chamada livro-objeto: “Costuma-se denominar como tal, os livros com cortes especiais de papel, facas ou formatos diferentes que necessitem muitas vezes de um cuidado quase artesanal em sua produção”. Essa atenção e elaboração artesanal do livro-objeto é o que nos chama atenção na obra *Se eu abrir esta porta agora...*

Endereçado ao público infantil, o livro é cuidadoso com seu processo de criação. O texto e as ilustrações são do próprio Rampazo (2018), que nos explica em uma oficina ministrada na Festa Literária de Maringá (FLIM), no dia 07 de novembro de 2019, todo o trajeto de criação da obra até a edição. Segundo Rampazo (2018), seu processo de criação está relacionado ao tempo de maturação entre a ideia a ser desenvolvida, em forma de livro, e a ilustração, isto é, ambas as linguagens se harmonizam e se entrosam em um movimento de colaboração e complementação, conforme explica Linden (2011), em seus estudos. Esse trajeto é cauteloso e perpassa várias etapas. Após o esboço e elaboração de um boneco do livro, Rampazo nos conta que o entrega à editora que fará o trabalho de edição.

O autor ainda revela que, no caso de *Se eu abrir esta porta agora...*, pouco foi modificado. Rampazo (2018) reforça o que discutimos neste artigo sobre o livro-objeto. Para ele, a obra em análise propõe a contação de história de monstros sobre uma diferente e inventiva perspectiva, afinal, histórias de monstros já foram contadas diversas vezes, ao longo da trajetória da humanidade.

Em relação às ilustrações, evidenciamos algumas técnicas utilizadas pelo escritor e ilustrador na composição dos monstros, sobretudo. Na construção desses personagens, Rampazo (2018) utiliza uma técnica que consiste na combinação de um traçado feito com lápis grafite. À exceção do personagem menino, no qual podemos ver a pintura por meio de traços na cor azul claro, os demais contornos e traços de todas as ilustrações do livro são realizados apenas pelo lápis grafite, o que favorece uma aproximação entre o público pretendido e a materialidade imagética.

No que tange à aplicação dos códigos, em *Para ler o livro ilustrado* (Linden, 2011), encontramos três tipos: molduras, enquadramento e desenquadramento. Desses exemplos, sem dúvidas, o emprego das molduras é essencial na composição de sentidos da obra em questão. Como já vimos pelas figuras apresentadas, ao longo de todo o livro, em ambas as perspectivas de leitura, as ilustrações são acomodadas em molduras que sinalizam os batentes de portas. As molduras, além de serem portadoras de significados, têm a função de particularizar aquele momento representado na ilustração, conferindo-lhe uma demarcação singular e definindo um espaço narrativo coerente, uma unidade dentro da narrativa por imagens. Linden (2011, p. 71) ainda acrescenta:

A dimensão específica de uma moldura tem, além disso, um efeito primordial, sobre a composição da imagem. A coerência plástica da imagem irá depender, e muito, dessa moldura: ela constitui o espaço fechado que é também uma figura geométrica, dotada de um centro a partir do qual se aprecia prioritariamente a composição de uma imagem.

A figura geométrica que se forma nessas molduras em *Se eu abrir esta porta agora...* é a retangular, que destaca, inclusive, a expressão corpórea dos monstros. Este detalhe demonstra a acuidade plástica e estética de Rampazo na composição de um livro infantil. Acrescentamos ainda que, no livro em análise, o sentido não está preso somente à imagem e nem somente ao texto, pois “[...] o sentido emerge a partir da mútua interação entre ambos” (Linden, 2011, p. 86). E mais, um livro ilustrado, além de texto e imagem, precisa ser observado enquanto um objeto que conta com recursos gráficos e editoriais, pensado a partir da disposição de texto e imagem, material, suporte e diagramação - procedimentos esses que também conferem sentido à obra.

Em *Se eu abrir esta porta agora...*, também desperta atenção a presença de intertextualidades ao longo do texto (Figura 7).

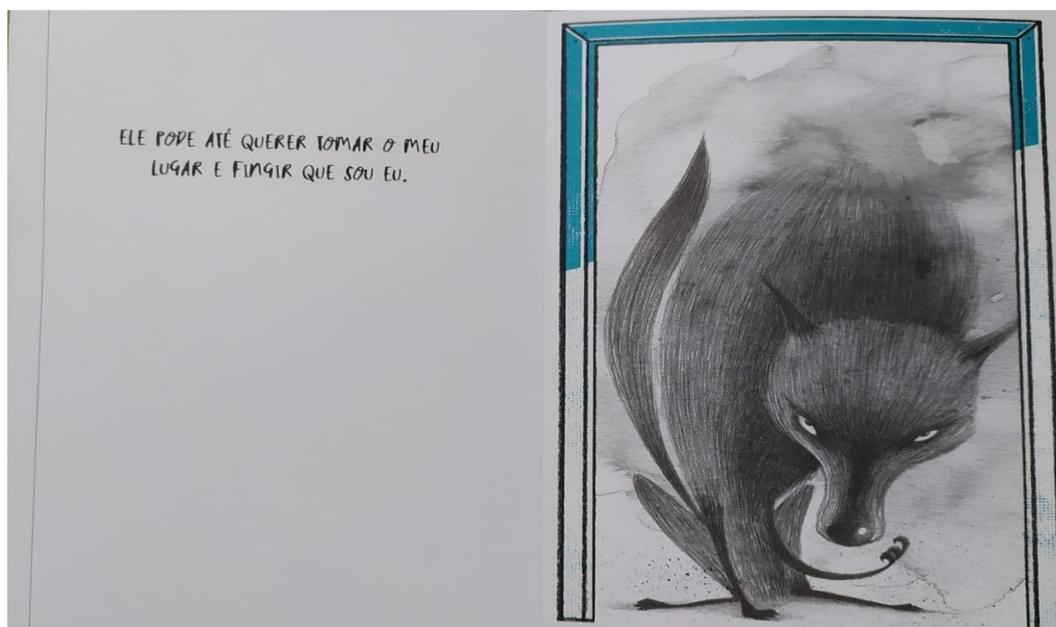


Figura 7. Intertextualidade.
Fonte: Rampazo (2018).

Nessa imagem, o texto verbal: ‘Ele pode até querer tomar o meu lugar e fingir que sou eu’, além da intertextualidade com a história de Chapeuzinho Vermelho, no que se refere ao lobo se vestir de vovózinha para enganar a personagem do capuz vermelho, revela uma correspondência de sentidos no que tange à dimensão de página dupla em livros ilustrados. A figura do lobo, por si só, ao lado direito da página, com olhos atentos no leitor, revela uma série de significações e interpretações, bem como transporta o leitor para dentro do universo ficcional. O lobo dialoga com o texto, e assim como em todo o livro, o texto exerce a função de ligação com a imagem. Para Linden (2011), a função de ligação entre texto e imagem revela uma particular solidariedade entre ambas as linguagens. Neste caso, percebemos a importante congruência estabelecida nesta obra pelo autor no intuito de ressignificar para além de uma única textualidade.

O raciocínio que se segue nas demais portas que se abrem é o mesmo, sempre convidando o leitor a relacionar as materialidades textual e imagética. A figura do lobo já está consolidada no imaginário social como um ser ardiloso, fingidor, perigoso, astuto e esperto, capaz de enganar muitas pessoas, assim como os outros personagens de *Se eu abrir esta porta agora...*, como a bruxa, o vampiro, o saci, que são acompanhados por textos que cumprem a função de conectar suas reais ações a inúmeras histórias e contos de fadas. Rampazo (2018), então, consegue dirigir o olhar da criança para fora do texto e fazê-lo buscar referências intertextuais.

Além da função de ligação, texto e imagem, ainda nos baseando em Linden (2011), encontramos na obra analisada a relação de colaboração, que se refere a uma combinação articulada entre imagem e texto, de modo que o sentido não se encontra nem em um e nem em outro, mas emerge da relação entre ambos. Tal relação de colaboração pode ser visualizada em todo o livro e em ambas as perspectivas de leitura, pois na

perspectiva do livro, onde o menino passa a ser o personagem principal, sua configuração, posição, esquema corporal e mesmo em relação aos objetos que traz na mão, colabora com o enunciado verbal expresso no lado esquerdo da folha dupla.

No desfecho de uma das possibilidades de leitura, na qual visualizamos um armário, com uma porta de guarda-roupas aberta (Figura 8), encontramos vários objetos e adereços que podem sinalizar as evidências acerca dos monstros durante toda a história. Nas camisetas penduradas temos uma das referências a um dos monstros presentes no livro, o King Kong, estampado na penúltima peça. Outra evidência em relação a outro monstro, como o vampiro, pode ser percebida pelo símbolo do morcego mais conhecido nas telas e nos Gibis, o Batman, bem como o lobo de pelúcia, que pode estar associado ao personagem lobo, e, assim, sucessivamente. A porta do armário, ao ser aberta, revela uma série de possibilidades de leitura. Essa ilustração, em específico, destaca a função de amplificação a que se refere Linden. Nesta função, imagem ou texto, “[...] um pode dizer mais do que o outro sem contradizê-lo ou repeti-lo. Estende o alcance de sua fala trazendo um discurso suplementar ou sugerindo uma interpretação” (Linden, 2011, p. 125).

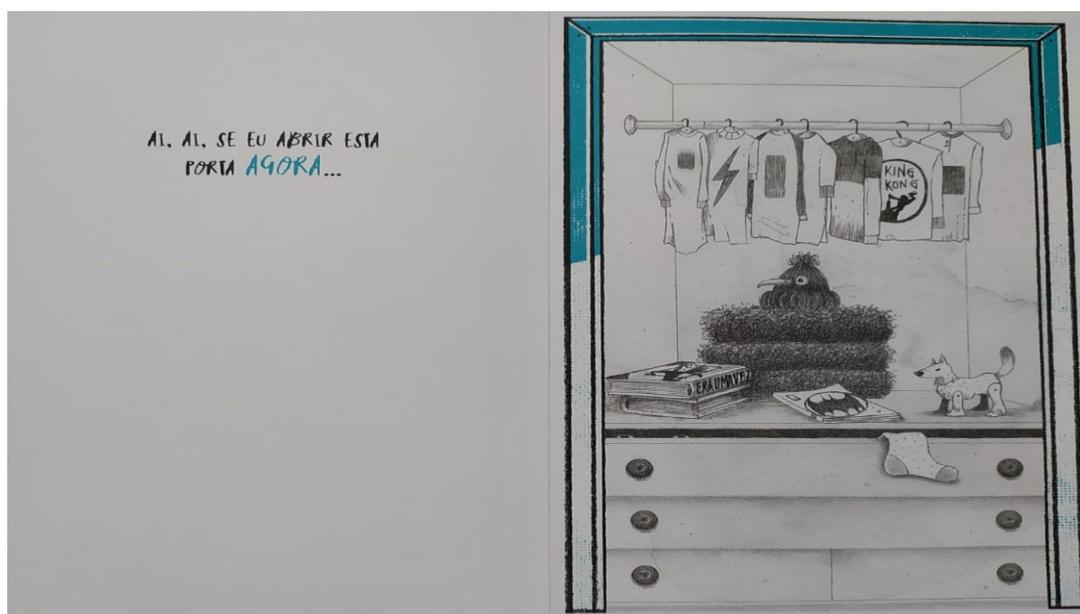


Figura 8. Desfecho de uma das possibilidades de leitura.

Fonte: Rampazo (2018).

Na figura acima, a imagem sugere várias interpretações e permite ao leitor um movimento de retorno ao livro, de retorno aos monstros como em uma espécie de sondagem pela porta, no intuito de descobrir e confirmar se, de fato, ali existem tais monstros ou se são apenas frutos da imaginação. No entanto, na mesma figura, dentro da primeira gaveta entreaberta, visualizamos dois olhos - o que nos leva, mais uma vez, a afirmar que *Se eu abrir esta porta agora...* é uma obra que abre literalmente distintas portas, permitindo ao leitor desvendar seus medos e descobrir que eles podem estar trancados no armário. Basta abrir a porta.

Considerações finais

A leitura efetuada confirma e salienta a importância de um projeto gráfico-editorial construído com vistas a expandir os sentidos que emanam do texto verbal e imagético auxiliando no processo de significação da obra. Desde o formato do livro até as ilustrações que compõem o miolo, a obra analisada transforma-se “[...] em um objeto físico e sensorial, de contemplação estética” (Oliveira, 2008, p. 45). Rampazo constrói um livro que convida o leitor a mergulhar no universo fictício apresentado, de modo a participar da história narrada e construir múltiplos significados. Seja pelo texto literário, pelas ilustrações, pelo *design*, pelos caminhos de leitura propostos, o autor consegue produzir um livro infantil que vai ao encontro dos desejos e necessidades dos pequenos leitores. A esses é oferecida a oportunidade de aprender a olhar, que se distancia do gesto mecânico de simplesmente passar os olhos por alguma coisa, pois se trata de um

[...] outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, absorvemos e compreendemos o examinado. Esse debruçar-se sobre o que os olhos captam provocará análises e, o mais produtivo, provavelmente ativará a capacidade de inventar. Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção, a criação (Ramos, 2013, p. 34).

As portas abertas pelo leitor funcionam como um portal de acesso a um novo mundo: de descobertas, de autoconhecimento, de enfrentamento, de vivências (re)significadas por meio do literário. Quantas vezes temos oportunizado ao leitor abrir as portas? Será que não contribuímos, muitas vezes, para que permaneçam fechadas? Abrir portas não se reduz tão somente a um gesto, mas revela uma maneira de viver: enxergando, para além do que os olhos podem ver, um universo repleto de possibilidades e movimentos que permitem ressignificar a existência.

Que possamos oferecer aos leitores, sobretudo ao leitor em formação, a oportunidade de abrir muitas portas, em uma viagem contínua por entre palavras e imagens e, nesse âmbito, a obra *Se eu abrir esta porta agora...* contribui para a abertura de inúmeras portas e distintos acessos aos meandros do sonho e da ficcionalidade.

Referências

- Bilac, O. (1904). *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Clássica de Francisco Alves.
- Ceccantini, J. L. T. (2010, 01 de setembro). Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008. *Notícias FNLIJ*, p. 2-15. Recuperado de http://fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias_2010_09.pdf
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2015). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (V. C. Silva et al., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.
- Coelho, N. N. (2000). *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo, SP: Petrópolis.
- Dalamu, T. O. (2018). Euphemism: The commonplace of advertising culture. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 40(2), e41107. Doi: 10.4025/actascilangcult.v40i2.41107
- Derdyk, E. (2013). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo, SP: Senac.
- Ferreira, E. A. G. R. Por uma piscadela de olhos: poesia e imagem no livro infantil. In V. T. Aguiar, & J. L. Ceccantini (Orgs.), *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim* (p. 153-188). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Lajolo, M., & Zilberman, R. (2017). *Literatura infantil brasileira: uma nova, outra história*. Curitiba, PR: PUCPress.
- Linden, S. V. (2011). *Para ler o livro ilustrado* (D. de Bruchard, Trad.). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Moraes, O. (2008). O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In I. Oliveira (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador* (p. 49-59). São Paulo, SP: DCL.
- Moraes, O. (2013). O livro como objeto e a literatura infantil. In E. Derdyk (Org.), *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas* (p. 159-166). São Paulo, SP: Senac.
- Oliveira, R. (2008). *Pelos jardins boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Ramos, G. (2013). *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Rampazo, A. (2018). *Se eu abrir esta porta agora*. São Paulo, SP: SESI-SP.